



# ENTREVISTA





## GÊNERO, MASCULINIDADE E MILITARISMO: UMA ENTREVISTA COM O HISTORIADOR GIL MIHAELY

Cristina Scheibe Wolff  
*Departamento de História*  
*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – CNPq*

O campo de estudos da masculinidade apareceu no cenário acadêmico das últimas décadas a partir dos estudos de gênero. Na medida em que se viu que o gênero é uma categoria necessariamente relacional, os estudos que iniciaram por uma perspectiva centrada nas mulheres passaram a abrir a possibilidade de buscar a compreensão dos processos de configuração e construção do masculino. Esses estudos ainda são muito incipientes, especialmente na história, em que os estudos de gênero associaram-se a um campo já assentado como “história das mulheres”. Lembro que na década de 1990, em mesas e palestras sobre história das mulheres sempre surgia aquela pergunta “fatal”: mas por que estudar a história das mulheres? Por que não fazíamos também uma história “dos homens”? A resposta, na ponta da língua, era sempre: ora, mas a história dos homens já estava sendo feita há muitos séculos, agora tínhamos que “dar visibilidade às mulheres na história”. Hoje, muitas e muitos de nós pensamos diferente. A história dos homens pode ter sido escrita, mas não ainda a história da masculinidade, de como as imagens do masculino configuraram costumes, comportamentos, processos históricos, de como os corpos masculinos adquiriram significados diversos ao longo da história, de como o gênero, no masculino, influenciou decisões, valores, hierarquias, economias e políticas.

Em seu trabalho ainda recente, realizado como tese de doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales, na França, Gil Mihaely vem lidando justamente com essas noções de masculinidade e corpo masculino a partir de uma perspectiva da história cultural<sup>1</sup>. Sua trajetória acadêmica é extremamente interessante, posto que, antes de vir a estudar corpo e masculinidade no exército francês no século XIX, e especialmente o papel e o significado que o uso do bigode assumiu nesse contexto, Mihaely, que é israelense, foi também um oficial da Marinha e experimentou, na prática, segundo suas palavras, a profunda relação entre militarismo e masculinidade em nossas sociedades ocidentais. Além de sua trajetória de estudos, a entrevista trata também de suas referências teóricas, das relações com os estudos feministas na França, das fontes documentais que utiliza e de suas impressões na visita que realizou em 2006 aos programas de história da UFSC e da UFRGS.

Além da tese de doutorado, Gil Mihaely publicou vários artigos sobre o tema<sup>2</sup> e também tem escrito recentemente sobre masculinidade no exército israelense, que, aliás, foi um dos primeiros no mundo a aceitar mulheres em suas fileiras<sup>3</sup>.

**Cristina S. Wolff** – Poderias iniciar falando do teu caminho intelectual?

**Gil Mihaely** – Comecei meus estudos universitários relativamente tarde, com 26 anos, em Israel. Estudei na Universidade de Tel-Aviv, que tinha na época um departamento de história muito bom, com professores formados na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França. Diferente do que se passa no Brasil, em Israel o costume é enviar os alunos após o mestrado para fazer um doutorado no exterior e depois, se retornam, é para ensinar. É difícil encontrar emprego se não se faz um doutorado em uma boa faculdade europeia ou norte-americana; é o meio para se evitar uma espécie de “endogamia intelectual”. Os universitários devem sair, passar anos fora do país, formar-se, criar relações, mergulhar numa outra cultura e aprender a língua – não somente como pesquisadores, mas em imersão, sobre o terreno, e então retornarem ricos de todo esse acervo. Portanto, fiz meus estudos num departamento muito internacional, com uma óptica mais voltada para o exterior. E trabalhei com pessoas que eram especialistas em “Estudos Culturais”. Foi sobretudo durante o doutorado e o DEA<sup>4</sup>, na França, que me voltei para o gênero. Já estava sensibilizado relativamente cedo para esses termos, essas noções e essas teorias, mas eu as utilizava muito pouco e estava mais a par dos trabalhos e das pesquisas feministas, como Nancy Chodorov etc., que dos trabalhos sobre masculinidade. Quando era mais jovem, o gênero mesmo estava sempre ligado aos *women studies* e ao compromisso político das mulheres. Foi bem mais tarde, no fim dos anos 1990, que descobri os estudos de masculinidade por intermédio da obra de um israelense que analisou o mito do sabra, que é um dos mitos fundadores em Israel. A partir de então, li muito sobre a questão da masculinidade. O meu “mestre” foi o australiano Robert Connell. Comecei do meio, ou seja, por seu livro *Masculinities*, que acho que é de 1995, e na seqüência desse livro comecei a ler as coisas que ele escreveu nos anos 1980. Estou me referindo aos meus estudos dos anos 1999, 2000, 2001, os anos de DEA e o início da tese, de acordo com o sistema francês. Foi de fato nesse momento que completei a minha reorientação, porque estava voltada para a história cultural social. Minha memória de *maîtrise* – eu era então medievalista – trata sobre os camponeses na Inglaterra, e trabalhei num meio muito marxista, pessoas da Universidade de Manchester, historiadores como o M. M. Postan, os pesquisadores da revista *Past & Present* e outros, que eram politicamente comprometidos. Mas eu queria fazer outra coisa, mais pessoal. Fazer um doutorado na França era a oca-

sião de mudar de época e de tema, e de focalizar meu trabalho sobre o exército. É um objeto pessoalmente importante para mim, porque fui militar durante alguns anos, e aquilo me preocupou desde, eu diria, a minha primeira juventude. Quando criança, eu era fascinado pelos filmes de guerra, pelas armas. Depois fiz o serviço militar, como todos em Israel, e continuei como militar de carreira, como oficial da Marinha. Então eu estive na prática, e todo o tempo – embora de maneira muito intuitiva e sem teorizar – sentia que esse assunto tocava de perto a minha maneira de ser homem, bem como a dos meus colegas de serem homens. Assim, quando decidi fazer carreira universitária, o que na época implicava deixar Israel para fazer um doutorado noutro lugar, ficou claro que era o momento de trabalhar com esse tema, e por conseguinte mudei de época. Eu tinha uma idéia muito vaga no início, em 1998, quando preparei o meu projeto. Sabia apenas que queria trabalhar sobre o exército e sobre os homens, sobre os campos de batalha, talvez, como experiência. Foi nesse momento que tomei contato com o professor que se tornaria o meu orientador, Christophe Prochasson. Na época, ele fazia parte de um grupo de pesquisadores que trabalhavam sobre a guerra de 14-18, com Annette Becker, Jean-Jacques Becker, Stéphane Audoin-Rouzeau e outros, os historiadores que são a origem de uma renovação da historiografia da Grande Guerra. Eles combinavam os questionamentos da história cultural, com... não é exatamente *linguistic term*, mas com sensibilidades lingüísticas, sinais, terminologias, práticas e leituras de fontes que à época eram muito novas (cartas de soldados, por exemplo), portanto trabalhos pioneiros nesse campo. Então comecei o meu percurso na França nesse grupo.

Aos poucos, me dei conta de que o que me interessava era o exército como fonte de representações, como fonte de imagens, mais do que o exército como ator sociológico, ou seja, como lugar onde as pessoas fazem o seu serviço militar, as casernas, o que foi relativamente tardio na França. O serviço universal obrigatório data do fim dos anos 1880 na França. Antes disso, o serviço militar estava presente sobretudo nas idéias. Havia relativamente poucos soldados, mas estavam muito presentes, de várias maneiras, na cultura da sociedade francesa. É necessário retomar o que representa essa questão, que me permitiu também fazer avançar ligeiramente os debates: com efeito, a maioria das pessoas que trabalham sobre o exército, no tema exército e sociedade, o fazem principalmente sobre o exército da Terceira República, ou seja, 1870, após a derrota, a Comuna e até a lei militar de 1889, e aquilo me permitiu passar dos anos 1870-1880 para a Restauração e a Monarquia de Julho. E foi nesse momento que encontrei outro grupo, os discípulos de Alain Corbin. Era um grupo de especialistas no século XIX que trabalhavam precisamente sobre esse momento de mudança, de transformações, entre o fim do século XVIII e o início do XIX, e que se detiveram em

examinar rigorosamente a sociedade sob os Bourbon, ou seja, entre 1814-15 e 1830, depois sob a Monarquia de Julho e, é claro, épocas mais tardias também. O que acho muito interessante em Alain Corbin é que ele utiliza um gênero que não é uma história total, mas eclética no bom sentido. Não é alguém que efetua uma cruzada, ele não é um historiador de gênero, não é um historiador social. Ele associa muitas categorias, de maneira muito fina e sofisticada. Tem uma leitura muito original das fontes e aprendi muito pela leitura dos seus livros, em especial *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot*<sup>5</sup>, no qual ele reconstrói uma identidade a partir de dossiês de arquivos bastante esparsos. Os trabalhos sobre os sentidos, ou seja, historiar os gostos, historicizar o odor e historicizar a paisagem sonora – tudo aquilo me ensinou muito, e os gêneros são sempre presentes como uma dimensão da realidade e da análise. Quando Corbin fala de tecidos, quando fala de lavanderia... O século XVIII-XIX é um século de tecidos: as cambraias e os algodões invadem o mercado, encontram-se por toda parte. É suficiente ler duas páginas de Balzac para ver um grande número de referências às cortinas, lençóis, vestuários, uma verdadeira obsessão pelos tecidos. Tento me inspirar nesses trabalhos.

O que eu tento dizer, também, é que, apesar de ter sido apresentado como um pesquisador que trabalha sobre o gênero – e é verdade –, minha idéia pessoal da história é precisamente evitar as chaves-mestras, evitar as armadilhas que consistem em explicar tudo por uma só noção, uma só idéia, que em si podem ser muito ricas e funcionar muito bem, mas não podem, por definição, explicar – nem mesmo abordar de uma maneira suficientemente completa e fina – a totalidade dos fenômenos. Eu tento não me deixar enganar nem me aprisionar por minhas categorias de investigação, e de ter sempre em mente que o que fazemos é recortar a história, fracioná-la, examiná-la de uma maneira que a desnaturaliza. É absolutamente importante jamais esquecer isso, é preciso respeitar a complexidade e o estranhamento, e isso quer dizer que se deve desconfiar de teorias que expliquem tudo. Isso dito, penso que a categoria gênero é fundamental para as pessoas que trabalham sobre os sistemas de significados, sobre os signos, e que fazem menos “história serial”. Eu não trabalho verdadeiramente com séries, não tenho bases de dados enormes, sempre preferi aquilo que Clifford Geertz chamava de “*thick description*”<sup>6</sup>, ou bem aquilo que, seguindo Ginsburg, chamamos de “micro-história”. Portanto, pegar um caso, dois casos, três casos, em outras palavras, uma amostra que está longe de ser representativa, e por uma análise complexa chegar a conclusões que podem pretender a representatividade, que vão além dos dois ou três casos. É assim que eu procedo, e o plano da minha tese representa muito bem essa maneira de fazer, porque eu passo de um estudo de caso a outro, e a cada vez tento tirar conclusões e dirigir-me a outro estudo de caso.

**C. W.** – E por que tu escolheste trabalhar sobre a França?

**G. M.** – Por razões pessoais que nem eu mesmo compreendo bem... Mas era também algo evidente, não fiz realmente uma escolha. Estava claro para mim que eu queria viver na França, que queria ao menos passar um momento importante da minha vida na França e, portanto, era mais uma escolha de vida do que uma escolha profissional. Por outro lado, eu não faço diferença... talvez, não sei, e aí já antecipo um pouco a questão sobre a política... eu não faço diferença entre minhas atividades profissionais e minha vida. Eu não poderia pensar em passar anos importantes de minha vida em uma cultura que não me interessasse para estudo. Estava claro que a França me atraía, que há qualquer coisa na França que me interpela. Era então uma dupla experiência: viver na França porque eu gostaria de fazê-lo, e ao mesmo tempo fazer um doutorado. O doutorado não era um pretexto para viver na França, mas os dois projetos estavam – e ainda estão – ligados. Por que a França? Não sei, é um país, uma cultura que me atrai há muito tempo, e era o momento de realizar esse projeto.

**C. W.** – Tu poderias falar um pouco da tua tese, de teu trabalho, dos temas abordados?

**G. M.** – O que me interessava, e continua me interessando, é o papel do exército na configuração das masculinidades. Desde que discuti minhas primeiras idéias com meu orientador, o desafio era encontrar uma maneira de analisar a recepção; não ficar somente na análise fina, inteligente, de textos, de imagens, de discursos, mas tentar fechar o círculo e compreender como essas coisas eram interiorizadas, como elas configuraram a maneira pela qual as pessoas – homens e mulheres – viviam sua vida, como esses produtos culturais construíram sua maneira de compreender o mundo, de compreender a si próprios e, também, compreender as relações sociais. O primeiro desafio foi, portanto, encontrar as fontes que permitissem uma análise da recepção. Muito rapidamente eu me volvei para a moda e para o corpo e, depois, para a moda do bigode. Esse não foi o ponto de partida, mas eu me dei conta, sobretudo trabalhando sobre as fontes iconográficas – gravuras, jornais de moda, pintura acadêmica –, de que no espaço de quarenta ou cinquenta anos houve uma mudança patente, literalmente uma passagem de uma “idade lisa” para uma “idade peluda”. Eu notei também, principalmente por intermédio de textos, que aí o exército tem um papel de primeiro plano. No fim de meu ano de DEA, estava evidente que esse era o meu “objeto”. Depois, era necessário encontrar as fontes, aprofundar e burilar a questão, mas o objeto estava aí. O pêlo é um signo biológico, então temos como ponto de partida

as diferenças biológicas, com o discurso médico-científico como pano de fundo. Ao final do século XVIII, exista já um discurso médico, científico, sobre as diferenças de sexo com um destaque para a pilosidade, e, muito cedo, uma dimensão política. Existem obras dos anos 1780 que propõem já uma leitura muito sexuada da realidade, a fraqueza do rei e a predominância da rainha. Havia também ruídos em torno da sexualidade do rei, suas performances, sua esterilidade, seu apetite sexual. Nesses discursos, descobri que a pilosidade desempenhava um papel importante. A partir daí, comecei a alargar o campo, e era interessante ver como um discurso científico, médico, cruza um imaginário que se tece em torno dos militares, pois, ao mesmo tempo, acontece a apologia da “ascensão” dos militares, cujos primeiros signos estavam esboçados um século antes, senão mais. As guerras revolucionárias, o Império, foram o coroamento dos militares, e é nesse momento também que se dá no exército a propagação do bigode. Eu penso que isso se deveu a uma dinâmica de concorrência entre os militares. No século XVIII, com efeito, o bigode tornou-se o atributo das unidades de elite, e na economia simbólica do exército os atributos das unidades de elite eram muito valorizados e invejados, o que criou uma dinâmica de imitação. Essa não é, evidentemente, a única razão, e além disso é artificial separar o exército da sociedade: as mesmas imagens circulavam no exército e na sociedade civil. Entretanto, os militares começam a sintetizar a representação da virilidade hegemônica. Isso se manifesta muito cedo nas peças de teatro de rua, nas imagens populares, na literatura. Isso me permitiu abordar o problema da recepção pelo cruzamento de diversas fontes e de diversos registros. Quando se fala da moda, por exemplo, não se pode negligenciar também as práticas, aquilo que as pessoas fazem. Pode-se, a partir de estudos de caso, ver como as imagens circulam e como o imaginário configura os comportamentos e as maneiras de ver o mundo. Desde os primeiros anos da Restauração, encontramos casos de imitação consciente dos militares. Esse é um ponto muito importante, pois para existir um modelo hegemônico, é preciso que haja pessoas que acreditem que é um modelo hegemônico. Encontrei exemplos de pessoas que atribuíram por seu consentimento, mais ou menos consciente, o status de virilidade, de masculinidade hegemônica, aos militares e aos atributos que estavam associados com os militares. Esse status ultrapassava as clivagens e os conflitos políticos e sociais da época, e é isso que é muito interessante. De um lado, como se sabe bem, a sociedade francesa estava muito dividida, e sob a Restauração, a Monarquia de Julho, havia ali muita violência, o sistema político não era muito estável, e por outro lado é interessante constatar como os paradigmas que configuram as identidades sexuais e os gêneros são partilhados – não por toda a sociedade, sempre há as exceções – e que eles ultrapassam as clivagens econômicas, profissionais ou outras. É possível encon-

trar empregados do comércio, que trabalham nos *Magazines de Nouveautés*, jovens de 17, 18, 19 anos, que imitam os militares porque, sob a pressão identitária de seu ofício, sua idade, da concorrência com os estudantes etc., eles querem se afirmar como “homens de verdade”. Quinze ou vinte anos mais tarde, a partir de 1840, assiste-se a conflitos no seio dos tribunais porque os advogados começam a tentar reivindicar um bigode, e os juízes tentam lhes negar. Como o regulamento de 1832 obriga todo militar a ter bigode, este passa a ser o atributo oficial dos militares, uma parte do uniforme militar, o uniforme colado ao corpo. Mas essa obrigação não concerne a todos os corpos das forças armadas. Nesse momento, a polícia não estava em alta e o governo de Louis-Philippe interdita o uso de bigode aos policiais, para humilhá-los. O atributo desempenha um papel complexo, e o que é importante para mim é que, através desse conflito, pode-se compreender que o bigode é um signo que acumula sentidos e torna-se um símbolo.

No seio das forças armadas vê-se o desenvolvimento de uma concorrência entre as forças de elite e as outras unidades. Quando os militares tornam-se a encarnação de uma virilidade hegemônica, vê-se que grupos de não-militares os invejam, imitam-nos para preencher um déficit identitário. Essa prática se difunde e, finalmente, pode-se dizer que em meados do século, nos anos 1840-1850, no momento de passagem ao Segundo Império, a aparência militar, a militarização, tornou-se a única maneira para a autoridade de ser acreditada. Dois exemplos muito interessantes são o serviço de correios e o serviço de estradas de ferro, que aparecem na França sob a Monarquia de Julho. Os dois serviços se organizam em torno de um modelo militar. Isso é muito marcado no serviço de estradas de ferro: os funcionários dos trens e o pessoal das estações são uniformizados e, às vezes, armados como os militares. A respeito das gravuras dos anos 1840, qualquer um que não seja um especialista pensaria que se trata de militares. Por que vestir esses empregados de militares? Porque, para fazer reinar a ordem, para ter autoridade, para impor-se era preciso se militarizar. Em seguida, sob o Império, está claro que a fonte de inspiração – mesmo o imperador não sendo um grande militar, como seu tio – era o modelo militar. Então, o conjunto cavanhaque-bigode, que se chamava nessa época de “royale” ou “impériale”, era o privilégio das unidades de elite do exército francês; o bigode simples era obrigatório para todo mundo. Quando se chega à Terceira República, o bigode já é um símbolo: pode-se encontrá-lo por tudo. No *Bel-Ami*<sup>7</sup>, assim como em outros romances e novelas. E ele está igualmente presente nos escritos populares. Pode-se mesmo encontrar as mesmas “imagens operantes” nos garçons de restaurantes e nos jovens empregados do Banco da França. Minha amostra está longe de ser estatisticamente representativa, entretanto é possível ver que essa maneira de dar sentido ao mundo, essa maneira de se posicionar no mundo pelo uso de

truques de aparência, era bem difundido. As imagens circulavam por quase tudo, sempre com nuances, diferenças, porque os meios sociais contavam muito, os recursos que estão à disposição dos atores sociais contam muito. Quanto mais capital se tem, menor é a tendência de acentuar a diferença entre os sexos e de se apoiar sobre os corpos e a sexualidade para se posicionar, e pode-se permitir um comportamento menos estereotipado, há um campo de manobras mais largo. Mas cada vez que se encontra um conflito ou que um grupo está sob pressão, vê-se uma mobilização das diferenças de sexos como armas de guerras, de sobrevivência e de promoção social.

**C. W.** – Tu falastes um pouco disso em se tratando da violência masculina.

**G. M.** – A fascinação do guerreiro é também uma fascinação da violência, mas uma violência sob controle. O exército no século XIX, e eu não falo dos exércitos de outras épocas, é a violência controlada, é a violência contida e fechada cada vez mais nas casernas, com uma valorização crescente da disciplina e do controle de si. Isso se traduzia também nas representações dos corpos masculinos com a aparição da silhueta militar, com os ombros largos e a cintura de vespa. O controle e a construção do corpo são a força controlada, amestrada. Mas é muito ambivalente. Como os franceses sabiam na época, a violência pode muito bem escapar ao controle, e é por isso que havia sempre essa ambivalência, esse jogo de desconfiança/atração, admiração/temor em torno das representações do militar. Para voltar à questão da violência, ela faz parte dessa virilidade hegemônica, dessa vontade de controlar, de encarnar a força e a autoridade “naturais”. Por trás disso estava sempre a violência descontrolada nos momentos de crise ou nos grupos que se achavam mais fragilizados. Houve as erupções de violência física, e lembro que o século XIX é o século do duelo. Um ofício como o jornalismo é um bom exemplo: os jornalistas têm, no século XIX, um problema de legitimidade, como todo novo ofício. Os jornais tornavam-se cada vez mais importantes na vida econômica, social e política, e o ofício estava em uma fase de luta, em busca de um lugar na sociedade. Isso se traduzia por muitos duelos, num grupo de homens que se utilizam de um ritual extremamente violento para criar um lugar ao sol, para criar uma legitimidade, posicionar-se *vis-à-vis* a outros grupos mostrando-se viril – mas de uma maneira muito militar e nobre. É verdade também para outros meios ou situações (os duelos de oficiais judeus durante o Caso Dreyfus, por exemplo) em que o duelo foi muito difundido. Vemos como as masculinidades francesas do século XIX jogam com uma violência mais ou menos controlada, mais ou menos ritualizada, mas sempre muito presente.

**C. W.** – Mudando um pouco de assunto, ou voltando um pouco, tu já falastes do momento em que entrastes em contato com a categoria gênero, mas nesse trabalho na França, como funciona a categoria gênero na França, para a história, para um historiador e, além disso, para um historiador que não é francês, mas que trabalha sobre a França? Como isso se passa?

**G. M.** – Funciona por redes de historiadores como, por exemplo, aqueles que trabalham sobre o exército no sentido amplo do termo, aqueles que trabalham sobre a polícia. Em Paris, há uma tal concentração de universidades, sobretudo Paris I, Paris IV, Nanterre e a EHESS [École des Hautes Études en Sciences Sociales], e de laboratórios do CNRS [Centre National de la Recherche Scientifique], e esses centros pululam de grupos de pesquisa, de doutorandos e de alunos do ENS [Ensino Normal Superior]. Geograficamente, tudo é muito perto e há aqueles lugares onde todo mundo se cruza necessariamente, como os arquivos nacionais, a Biblioteca Nacional. A novidade se espalha depressa, a gente sabe quem trabalha sobre os temas próximos, e a gente se encontra. Assim eu fui convidado por três ou quatro professores da Sorbonne para falar de minhas pesquisas. Já faz dois anos que eu apresento meus trabalhos três ou quatro vezes por ano nos seminários. Além disso, participo de um grupo de pesquisa informal que se reúne uma vez por mês e cujos participantes se cruzaram nesses três ou quatro anos, porque todos nós trabalhamos sobre o século XIX e nos interessamos pelas questões do corpo, da autoridade, da masculinidade. Essa é a prática. Quanto às instituições, ao menos no que concerne à história, as coisas são muito menos institucionalizadas na França do que nos Estados Unidos. Há sociólogos que trabalham sobre gênero, mas entre os historiadores existem muito poucos pesquisadores que se declaram especialistas em masculinidade. Mas, ao mesmo tempo, as noções, as categorias e as sensibilidades circulam, e a gente as encontra nas obras de historiadores que trabalham sobre temas variados. Quando apresentei meu tema durante a defesa de minha tese, e quando falo com colegas, isso não choca ninguém, para dizer o mínimo. Há pesquisadores que utilizam as mesmas noções que eu e cuja bibliografia não é muito afastada da minha, e posso constatar que a categoria do gênero se banaliza, e isso é muito bom. O primeiro colóquio no qual apresentei meu trabalho, logo em seguida ao DEA, em 2000, foi organizado pelas pesquisadoras feministas da EHESS em torno de Rose-Marie Lagrave. Foi com elas que apresentei minhas pesquisas pela primeira vez, e foi com elas que publiquei meu primeiro artigo em uma coletânea. Pois os estudos de masculinidade na França, ao menos no que concerne à história, como eu disse, não são muito institucionalizados, e é pelo viés das instituições principalmente femininas e feministas que muitas coisas foram feitas durante muito tempo. Acho

que é melhor passar do feminismo e *womens studies* para o gênero e abrir o campo e o debate do que criar instituições. Nos Estados Unidos, que eu conheço menos, o campo de *men studies* é muito mais institucionalizado: revistas, empregos, cadeiras (nas universidades). É uma lógica compreensível, mas problemática, porque, por definição, o gênero é um sistema – o que os diferentes quadros de pesquisa e de estudo tendem a mascarar, se não por seu conteúdo, pela sua forma. Isso dito, há uma forte tradição militante, originada pelos estudos feministas e que continua sempre forte nas pesquisas que concernem às mulheres, e freqüentemente feitas por mulheres. Para muitas, continua a ser uma luta. Nos *men studies*, um engajamento desse tipo existe naquilo que se chama na França de “o mundo anglo-saxão” (por exemplo, Connell) e, talvez, entre certos sociólogos franceses como Daniel Welzer-Lang. Entre os historiadores na França isso não existe. Prefiro ver nisso uma normalização, a banalização de uma categoria muito importante, muito promissora, que não é, eu repito, uma chave-mestra e que não pode explicar tudo porque não há uma só chave – e nem uma só porta, aliás. Aqueles que virão depois de nós, daqui a trinta, quarenta anos, terão, eu espero, outras categorias promissoras, interessantes, ricas, às quais eles vão nos iniciar.

**C. W.** – Como tu vê a influência, na França, das discussões feitas nos Estados Unidos, como Joan Scott, Judith Butler, e dos autores que trabalham com masculinidades, como Connell, que é australiano?

**G. M.** – Mas ele publica bastante na Califórnia... Na França, existe a tendência de se ler menos em inglês, o que se pode constatar nas bibliografias das teses francesas. Vêm-se aí muito poucas obras teóricas em inglês, a menos que se trate de fontes documentais – mas tenho a impressão de que isso está mudando nos últimos anos. Como eu dizia, os franceses lêem relativamente pouco em inglês, e eles geralmente esperam a tradução francesa. Quanto a mim, tenho outros hábitos, pois fui formado em Tel-Aviv e, portanto, sou mais voltado aos Estados Unidos e à Inglaterra. Não posso dizer que estou sempre a par do que se passa nos Estados Unidos e na Inglaterra, é quase impossível, mas essa literatura esteve mais acessível para mim. Quanto a Connell, ouvi falar dele em Israel, portanto eu o li quando comecei a me interessar pelo tema. Ler Connell é se expor, primeiramente, a uma bibliografia muito rica. De imediato a gente faz uma lista de cinco ou dez autores, que se lê atentamente e se utiliza muito. Isso explica por que, por exemplo, o termo “masculinidade hegemônica” é muito pouco utilizado pelos historiadores franceses.

**C. W.** – E, neste momento, continuas nessa via de pesquisa sobre a masculinidade? São as tuas pesquisas atuais?

**G. M.** – Continuo a trabalhar sobre o corpo, o corpo dos homens como portador de significados, e vou apresentar o início de um projeto em que quero desenvolver minhas idéias, minhas primeiras “descobertas” sobre o desenvolvimento das silhuetas, o significado que ela implica, comporta, e, portanto, uso muito as fontes visuais. Tento trabalhar cada vez mais com as imagens e analisar outros atributos ligados ao corpo, trabalhar ainda sobre os homens, mas me afastando um pouco. Bem, continuo a trabalhar sobre os militares... quando se trabalha sobre a masculinidade no século XIX, o exército é sempre presente de alguma maneira... Mas eu me afasto lentamente de meu tema de tese. De maneira global, trabalho sobre o corpo masculino, mas principalmente como um sistema de significados, como uma maneira de compreender o mundo e de viver no mundo. Portanto o mesmo gênero de fontes, mas muito mais imagens. Penso que é importante trabalhar sobre o vetor visual, cultural.

**C. W.** – Sobre a mesma época?

**G. M.** – Sim, a mesma época. Século XIX, início do século XIX. Ou seja, grosso modo, Restauração e Segundo Império, portanto, aproximadamente os anos 1818 a 1860, 1870. Acho que a Restauração, a Monarquia de Julho, são momentos importantes durante os quais a França “digere” bastante para dar à luz, penso, uma nova cultura. Não nas épocas sangrentas, nem nos eventos dramáticos que é preciso olhar. São decênios extremamente importantes quando muitas coisas se iniciam, as “formas mentais” são fixadas. É o momento em que noções-chave como “burguesia” e “socialismo” tomam seu significado. E não se deve esquecer que é a partir dessas experiências que Marx forja suas idéias... Suas primeiras obras são um comentário à sociedade de Louis-Philippe. Nesse sentido, podemos compará-lo a Balzac... É verdadeiramente o momento que deu forma ao Ocidente contemporâneo.

**C. W.** – E nesta tua visita ao Brasil, o que pensas do que conhecestes dos estudos de gênero, e mesmo dos estudos de história no Brasil? Qual a tua impressão?

**G. M.** – A coisa mais importante que aprendi aqui, e que me surpreendeu muito, foi o papel da história oral e das entrevistas. Muitos dos historiadores – ao menos em Florianópolis e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e sobretudo Benito Schmitt, seus colegas e seus estudantes – trabalham

com essa ferramenta. Ela é ligada a um segundo elemento: a presença, a predominância da história do tempo presente, mais que da história contemporânea, verdadeiramente a história do aqui e agora, história dos anos 1960, 1970, 1980, com, é claro, um grande interesse pelo regime militar.

**C. W.** – Penso que encontrastes justamente os grupos que fazem isso nessas duas universidades...

**G. M.** – Sim. Não tive uma amostra representativa, mas não posso falar de coisas que não vi. Portanto, eu aqui me encontrei com pesquisadores que estão muito interessados na história recente do Brasil e que utilizam muito as entrevistas, a história oral, que vivem na história, são cercados pelos seus objetos de investigação. Não é somente o fato de viverem no Brasil: eles vão de manhã aos arquivos e à tarde conversam com os atores para fazer a caricatura, e isso é algo que eu nunca havia encontrado. Conheço pesquisadores que fazem entrevistas, que fazem aquilo que se chama “trabalho de campo”, que se deslocam com seu gravador e seu caderno e fazem as pessoas falar. Em história, isso quase não existe, ou quase. Para mim, pessoalmente, infeliz ou felizmente, todos os meus atores, todos os meus objetos, são há muito tempo cidadãos de um outro mundo, e, portanto, isso não é algo que me inspire em meu trabalho pessoal. Mas o que é interessante, para mim, é ver que no Brasil as coisas são diferentes, que a história das disciplinas, a partilha de problemáticas, de épocas e de ferramentas entre historiadores, sociólogos, cientistas políticos, é tudo diferente. São novas opções institucionais e metodológicas – epistemológicas, mesmo –, e é sempre estimulante e importante ver coisas totalmente diferentes e se dizer “Por que não?”. Questionar as instituições que me formaram e dentro das quais trabalho... Nosso primeiro dever, como pesquisadores, é eliminar a evidência; é preciso sempre buscar opções de diferenciação que fazem surgir à luz as coisas evidentes (e, portanto, transparentes). Quando se vive em uma organização e a gente se diz “Olhe, o historiador faz isso, o sociólogo faz aquilo”, é preciso ver em outros lugares para compreender que isso não é necessário. Infelizmente, eu não compreendo o português, o que limita minhas impressões às generalizações, sobretudo sobre a organização, os temas que interessam aos pesquisadores e estudantes... As coisas são organizadas diferentemente aqui, por razões que ignoro, que dizem respeito à história intelectual e institucional do Brasil, como as universidades foram formadas, organizadas, gerenciadas. O resultado dessa história se parece bastante ao que se passa em outros lugares, mas há também diferenças. Foi interessante ver que se pode fazer diferentemente, que se pode trabalhar no mesmo departamento, em conjunto com pesquisadores com formações muito di-

ferentes, que se pode utilizar ferramentas que são praticadas por outras disciplinas, e é muito estimulante.

**C. W.** – Tens algo mais que gostarias de dizer?

**G. M.** – Para concluir, esta visita me deu muita vontade de voltar e passar mais tempo aqui, ter, verdadeiramente, ocasião de ver o que se faz aqui. Seria um grande prazer.

**C. W.** – Muito obrigada.

Transcrição: Jérémie Bonheur

Tradução: Cristina Scheibe Wolff e Ruy Ávila Wolff

---

## NOTAS

<sup>1</sup> MIHAELY, Gil. *L'émergence du modèle militaire-viril: pratiques et représentations masculines en France au XIX<sup>e</sup> siècle*. EHESS, Paris: Thèse de Doctorat d'Histoire Contemporaine sous la direction de M. Christophe PROCHASSON, 2004.

<sup>2</sup> Por exemplo: MIHAELY, Gil. L'effacement de la cantinière ou la virilisation de l'armée française au XIX<sup>e</sup> siècle. *Revue d'histoire du XIX<sup>e</sup> siècle*, 2005-30; *Pour une histoire culturelle de la guerre au XIX<sup>e</sup> siècle*. [En ligne], mis en ligne le 18 février 2006. URL: <http://rh19.revues.org/document1008.html>. Consulté le 11 juillet 2007; MIHAELY, Gil. Pékins et vieilles moustaches: masculinité bourgeoise, masculinité militaire. In: *Dissemblances: jeux et enjeux du genre*. Paris: Editions L'Harmattan, 2002. p. 101-116.

<sup>3</sup> MIHAELY, Gil. Tsahal, l'école des "vrais hommes"? Citoyenneté et virilité dans l'armée israélienne. *Revue La vie des idées*, n. 21. Israël autrement. Paris, Seuil, 2007.

<sup>4</sup> Diploma de Estudos Avançados. Na França, é uma etapa de pós-graduação preliminar ao Doutorado. (Nota da entrevistadora.)

<sup>5</sup> CORBIN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot. Sur les traces d'un inconnu, 1798-1876*. Paris: Flammarion, 1998.

<sup>6</sup> GEERTZ, Clifford. Thick description: towards an interpretative theory of culture. *The interpretation of cultures*, New York: Basic Books, 1973.

<sup>7</sup> *Bel-Ami* é um romance de Guy de Maupassant, em que o autor traça um perfil sutil e mordaz da sociedade parisiense no final do século XIX. (Nota da revisora.)